



“A frustração é uma sombra da expectativa.”

Relato da reunião do Grupo “É Possível!”, 24 de novembro de 2018

Clarice Nunes

Neste encontro recebemos uma nova família em nosso convívio. De modo geral, os vulneráveis estão estabilizados e as questões, que emergiram nos relatos em reuniões anteriores, estão encaminhadas dentro das possibilidades e recursos disponíveis pelos familiares. Alguns temas, no entanto, mereceram nossa atenção. Destacamos: o preconceito internalizado pelos familiares, pelos profissionais de saúde e do judiciário em relação ao adoecimento mental; o sofrimento dos familiares diante das dificuldades de realização pessoal do vulnerável em diversas áreas da vida; a incerteza diante dos riscos e do futuro.

Preconceito dos familiares em relação à vulnerabilidade

Aos poucos, através da informação e do apoio que vamos oferecendo uns aos outros, criamos um clima de confiança que vai revelando nossa dificuldade de entrar em diálogo real com os vulneráveis sobre o "seu mundo", a nossa resistência em discutir as questões no campo e na atmosfera pessoal que eles apresentam. Esse preconceito se revela em nossos pensamentos, emoções, atitudes e vai sendo gradativamente trazido à tona. Parceiros que já frequentam o grupo há algum tempo expuseram, pela primeira vez, casos familiares que ainda não tinham aparecido ou aparecido com a clareza e a força que tiveram neste encontro. Muitos de nós acabamos reconhecendo nossos equívocos no tratamento de nossos vulneráveis durante anos e como estamos gradativamente mudando nossas atitudes a partir da nova compreensão que se instala graças aos Seminários do IPUB e às nossas discussões coletivas.

É o preconceito que, em parte, nos leva a querer controlar os contatos dos vulneráveis com familiares, colegas, amigos e outras pessoas. Algumas vezes chegamos a ter vergonha de um filho,

marido, irmão ou irmã vulnerável, do que fazem ou deixam de fazer, de não corresponderem exatamente às expectativas sociais em relação ao seu sexo, idade e formação. A imagem que temos de nosso vulnerável como "alguém menor" faz com que nos sintamos também "menos perfeitos" como pais, esposos e irmãos. As mães do grupo reconheceram que ainda tem a tendência de querer "proteger" a todo o custo o filho de possíveis dificuldades na sua vivência social. Algumas estão conseguindo com êxito, neste momento, inibir atitudes de controle excessivo e deixar que o vulnerável se movimente e escolha viver as experiências por si mesmo, arcando com as consequências das suas opções. E para surpresa de alguns de nós, eles se saem bem! É preciso, como assinalou um dos pais, perceber o momento adequado para a nossa intervenção porque nossos filhos, ingressando na vida adulta, ou já nela, podem ser algumas vezes ludibriados em negócios ou em situações que podem prejudicá-los pela sua credulidade.

Preconceito e negação do problema andam muitas vezes de mãos dadas. Essa tentativa de não querer ver a realidade acaba sendo projetada em outras instâncias sociais, independente do fato de que realmente certas instituições, das quais se esperaria orientação e ajuda, também estejam despreparadas para nos atender por falta de informação médica e psíquica pertinente diante dos casos de saúde mental que se apresentam. Foram dados exemplos no campo hospitalar e no judiciário, quando medidas totalmente fora de contexto ou viabilidade foram propostas como solução para a demanda de um dos nossos integrantes pela garantia de direito à moradia assistida.

Sofrimento dos familiares diante da não realização do vulnerável em várias áreas da vida

A mudança da postura interna do desânimo para a esperança com as realizações possíveis dos nossos vulneráveis vem com o tempo, a partir do momento que temos informações corretas e que nos trabalhamos internamente em relação à aceitação da situação em que nos encontramos. Nesse sentido, o desligamento amoroso, que passa pela diminuição de expectativas nos leva a acompanhar o vulnerável de modo mais despojado, realmente desenvolvendo a prontidão para atendê-lo quando nos solicita e, dessa forma, permitir que ele não se sinta só, apesar de muitos deles terem sua vida social bastante diminuída por comportamentos de isolamento que afetam até o próprio núcleo familiar.

Foram relatados casos de não realização profissional e afetiva. Casos em que antigos sonhos (como por exemplo o de tornar-se jogador de futebol), sem encontrarem ecos na realidade, ainda persistem, levando o vulnerável a tentativas repetidas e frustrantes numa direção que não lhe é propícia ou adequada. A dureza da decepção que enfrentam afeta profundamente os familiares que precisam administrar internamente essa emoção para continuar a dar o apoio aos vulneráveis que nem sempre pedem, mas necessitam.

A ausência ou a dificuldade de diálogo, o medo de ser incompreendido ou punido ou ainda a tentativa de resolver sozinho a situação problemática que criou, faz com que o vulnerável produza um *gap* entre o problema e a solução que tanto deseja e para a qual a família está pronta a colaborar, o que pode, em alguns casos agravar as consequências. No grupo surgiu o exemplo do gasto indevido de dinheiro e a criação de dívidas que se manifesta ainda como expressão de comportamento compulsivo que persiste apesar do acompanhamento psicológico e de grupos de apoio.

Observamos, no grupo, que os vulneráveis apresentam diferentes níveis de amadurecimento emocional em relação uns aos outros e em relação às diversas áreas da vida. Agir como "criança" no mundo adulto, sendo cronologicamente adulto, acarreta problemas reais. Não há outra saída a não ser trabalhar na reeducação constante, permanente do vulnerável e de nós mesmos. Aí, mais uma vez, a informação pertinente nos ajuda a não perder o foco nem a paciência diante de dificuldades

que, à primeira vista, para nós, seriam perfeitamente dispensáveis.

Diminuir as expectativas, fazer o que é possível em cada situação e momento, é o que realmente se pede de nós. Findar as críticas e julgamentos do vulnerável e de nós mesmos é outra atitude cabível e, sobretudo, acreditar no nosso processo de transformação. O ritmo da mudança dos vulneráveis é ditada por eles através dos seus processos conscientes e inconscientes. Existe um gesto de generosidade nessa espera para que o outro encontre seus próprios caminhos.

A incerteza diante dos riscos e do futuro!

Existe um ditado popular que diz que "o futuro a Deus pertence". Apesar de eventualmente pensarmos em como ficarão nossos vulneráveis com nossa ausência, há um limite que precisamos dar a essa preocupação. Ela não nos ajuda. É pertinente no sentido de fazer o que possamos para resguardar alguma possibilidade de vida digna para eles e realmente é preciso pensar no destino do patrimônio, das reservas financeiras, de uma pensão para sobrevivência.

Dar limite para essa preocupação com o futuro é fundamental para nossa saúde psíquica assim como encaminhar o que pudermos em relação a definição dos bens materiais e imateriais. Há um aspecto mais difícil de lidar que é quem orientará nossos vulneráveis em sua vida. Sim, porque eles necessitam, mesmo quando não demandam, essa orientação. Em que medida os irmãos assumirão esse papel que nós pais assumimos hoje. Não há respostas definidas nesse ponto e há nitidamente um limite de controle com o qual não podemos e devemos lutar.

Temos, enquanto familiares, um limiar baixo no que diz respeito ao enfrentamento de riscos, em parte traumas de experiências infelizes anteriores. Mas precisamos enfrentá-los. Dois depoimentos no grupo revelaram como a família fica "aprisionada" em casa por não querer permanecer alguns dias distante do vulnerável. São inúmeras as preocupações: que eles não tomem a medicação; que eles tenham algum comportamento de risco, dentre outros aspectos. Mas o fato é que, mesmo estando presentes cotidianamente em suas vidas, os vulneráveis podem praticar esse tipo de comportamento sem nosso conhecimento, como de fato já ocorreu. Todos temos o repertório dos "dias ou do dia mais infeliz de nossas vidas" no relacionamento com eles.

Lembremos sempre que temos o privilégio de poder tratá-los, de criar uma rede de apoio e proteção que, ao lado da assistência médica e psicológica, tem funcionado excepcionalmente bem para eles e para nós.